



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 10/03/2023 a 16/03/2023

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>10/03/2023</b>	15,13	498,80	56,10	6,66	6,24
<b>13/03/2023</b>	15,00	492,20	55,34	6,72	6,24
<b>14/03/2023</b>	14,99	492,20	55,84	6,86	6,27
<b>15/03/2023</b>	14,89	478,40	56,34	7,02	6,26
<b>16/03/2023</b>	14,91	474,00	57,73	6,99	6,32
<b>Média</b>	<b>14,98</b>	<b>487,12</b>	<b>56,27</b>	<b>6,85</b>	<b>6,27</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

### Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA		
RS – Panambi	160,00	
RS – Não Me Toque	160,00	
RS – Londrina	151,00	
PR – Cascavel	151,00	
MT – C.N.Parecis	141,00	
MS – Maracaju	148,00	
GO - Rio Verde	145,00	
BA – L.E.Magalhães	145,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	82,00	CIF
Porto de Paranaguá	88,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	79,00	
SC – Rio do Sul	79,00	
PR – Cascavel	76,00	
PR – Londrina	76,00	
MT – C.N.Parecis	65,00	
MS – Maracaju	70,00	
SP – Itapetininga	83,00	
SP – Campinas	86,00	CIF
GO – Rio Verde	72,00	
GO – Jataí	72,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	78,00	
RS – Não Me Toque	78,00	
PR – Londrina	89,00	
PR – Cascavel	90,00	

Período: 15/03/2023

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

### Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 16/03/2023

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	82,00	161,15	78,29

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

### Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 16/03/2023

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	84,61
Feijão (saco 60 Kg)	291,20
Sorgo (saco 60 Kg)	64,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,27
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,46**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,25

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Cf. Emater

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

A principal notícia da semana não esteve ligada diretamente ao mercado da soja, mas sim ao lado financeiro nos EUA e na Suíça. Dois importantes bancos estadunidenses anunciaram que estão literalmente quebrados. Trata-se do Silicon Valley Bank e do Signature Bank. Na sequência, um dos maiores bancos do mundo, o Credit Suisse, na Suíça, anunciou que estava indo pelo mesmo caminho. Apesar da rápida intervenção dos respectivos Bancos Centrais, procurando socorrer os mesmos, o estrago foi feito. Há um grande receio que o mundo volte a viver algo semelhante à grande crise econômico-financeira de 2007/08. Aliás, antes da pandemia os indicativos econômicos apontavam para uma nova recessão mundial entre 2020 e 2024. A pandemia acelerou o processo e, agora, esta nova situação financeira desenha um quadro ainda mais preocupante. Diante do alto risco, o setor de crédito se retrai ainda mais, e aumenta a aversão ao risco. Com isso, o dólar se valoriza, o ouro é buscado como valor refúgio, as Bolsas despencam, trazendo consigo, por enquanto, as commodities em geral, incluindo a soja.

Em tal contexto, o bushel de soja, na semana, recuou fortemente em Chicago. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (16) em US\$ 14,91, contra US\$ 15,20 uma semana antes.

Até mesmo os derivados da soja recuam. O farelo, que vinha muito sustentado pela forte quebra na safra de soja da Argentina, maior exportador mundial deste subproduto, recuou, batendo em US\$ 474,00/ tonelada curta no dia 16/03 (a mais baixa cotação desde o final de janeiro do corrente ano). Lembrando que sete dias úteis antes, o mesmo havia atingido a US\$ 507,90. Já o óleo de soja, que vinha em recuo quase constante, continuou com cotações fracas, acompanhando o forte recuo do petróleo diante da possibilidade de nova crise mundial. O óleo chegou a bater em 55,34 centavos de dólar por libra-peso no dia 13/03, a mais baixa cotação desde dezembro de 2021, porém, fechou este dia 16/03 em 57,73 centavos.

Efetivamente, na Argentina, a quebra da safra de soja tende a ser ainda maior do que o já anunciado. Até o momento, a produção final estava estimada em 33 milhões de toneladas, contra uma expectativa inicial acima de 45 milhões. Agora, analistas locais falam em colheita abaixo de 30 milhões de toneladas devido a severa seca. Cogita-se que o governo argentino reedite o “dólar soja” para animar um pouco o mercado local da oleaginosa, completamente parado neste momento. Na prática, estamos diante da pior safra de soja da história argentina. E este quadro se dá há dois anos, pelo menos, em um momento em que os custos de produção subiram 50% devido a guerra da Rússia contra a Ucrânia. Uma situação semelhante, embora com impactos, talvez, menos sérios, vem ocorrendo no Rio Grande do Sul.

Em tal contexto, olhando o mercado externo, o Brasil, mesmo com uma safra menor do que o esperado, devido a forte quebra no Rio Grande do Sul, poderá tirar proveito da desgraça argentina, aumentando seu esmagamento de soja e exportando mais farelo e óleo de soja; além de exportar soja para a própria Argentina, algo excepcional.

E falando no Brasil, os preços continuaram com viés de baixa, embora o Real tenha se desvalorizado mais devido a crise bancária nos EUA. A moeda brasileira chegou a bater em R\$ 5,30 por dólar em alguns momentos da semana, porém, o recuo em

Chicago e a continuidade de prêmios bastante negativos nos portos brasileiros, não permitiram recuperação de preços.

Assim, a média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 160,00/saco, acompanhando as principais praças compradoras do Estado, enquanto no Paraná o produto recuou para R\$ 151,00. Nas demais praças nacionais, o saco de soja oscilou entre R\$ 141,00 e R\$ 148,00/saco.

O indicador Cepea/Esalq, calculado pela USP de Piracicaba (SP), recuou para R\$ 159,73/saco, o valor mais baixo desde 16 de novembro de 2021, ou seja, o valor mais baixo há quase 16 meses. Apenas no acumulado do ano, o preço da soja já caiu 10% no Paraná. Aqui no Rio Grande do Sul o tombo é de 7% nos últimos três meses. E os preços só não caíram mais porque há uma estimativa de exportação recorde para este ano, ao redor de 92,7 milhões de toneladas. Mesmo assim, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado neste último dia 08/03, apontou que no ano comercial 2022/23 os estoques brasileiros de soja ficariam em 31,5 milhões de toneladas, o maior dos últimos cinco anos.

Dito isso, a colheita da soja no Brasil chegou a 49% da área no final da semana anterior. Um ano antes a mesma atingia a 60,5% na mesma data, enquanto a média histórica é de 50,6%. (cf. Safras & Mercado)

Especificamente no Paraná, a mesma atingiu a 30% da área total, que é de 5,7 milhões de hectares, no final dos 10 primeiros dias de março, contra a média histórica de 50%. Naquele Estado, “a produtividade da soja surpreende positivamente, porém, há preocupação com a incidência de doenças, o que exige mais aplicações de fungicidas, onerando a produção ou elevando a possibilidade de perdas onde o controle não estiver satisfatório”. Quanto ao preço, a média de fevereiro ficou em R\$ 158,14/saco, sendo o menor valor desde dezembro de 2021. Espera-se uma colheita de 20,9 milhões de toneladas de soja no Paraná. (cf. Deral)

Já no Mato Grosso, a colheita atingia a 95% da área no início da presente semana, superando a média histórica. Enquanto isso, a comercialização da atual safra de soja atingiu a 52,3% do total a ser colhido. Um ano antes, este número estava em 62,2% e a média histórica é de 67,2%. Por sua vez, a comercialização antecipada da futura safra 2023/24 (a ser plantada a partir de setembro), chegou a 4,9% naquele Estado. A média histórica, para esta época do ano, para a comercialização antecipada da oleaginosa é de 12,5%. (cf. Imea)

Enfim, a quebra na safra de soja gaúcha, que poderá superar os 31% recentemente indicados pela Emater, está levando analistas privados a colocarem a produção final brasileira em 148,9 milhões de toneladas, contra uma previsão inicial que chegou a bater em 154 milhões junto a alguns analistas. (cf. Pátria AgroNegócios) O recuo na produção nacional só não será maior, em relação ao esperado, porque alguns Estados melhoraram sua performance produtiva, compensando parcialmente as perdas gaúchas.

## MERCADO DO MILHO

Sob fundo de crise financeira mundial, novamente, o mercado externo do milho igualmente sofreu os impactos desta nova realidade. O bushel do cereal, em Chicago, para o primeiro mês cotado, acusou leve melhora em relação a semana anterior, porém, os sinais ainda são de preocupação neste mercado.

O fechamento em Chicago, no dia 16/03, trouxe o bushel de milho a US\$ 6,32, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 6,18 uma semana antes.

Dito isso, as vendas externas de milho estadunidense, na semana encerrada em 09/03, atingiram a 1,33 milhão de toneladas, perfazendo um total, no ano comercial atual, de 31,9 milhões de toneladas. Isso significa 38,6% a menos do que o exportado em igual período do ano anterior.

Já no Brasil, os preços voltaram a recuar, sob pressão da comercialização da safra de verão e um plantio recorde na safrinha, mesmo diante de exportações em crescimento, auxiliadas pela forte quebra na produção da Argentina.

Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 79,00/saco (um ano antes esta média estava em R\$ 93,82/saco), algo que não se via há muito tempo, enquanto nas demais praças nacionais o preço do cereal ficou entre R\$ 65,00 e R\$ 83,00/saco (um ano atrás tais praças negociavam o milho entre R\$ 79,00 e R\$ 101,00/saco).

Por sua vez, o fechamento do pregão da quarta-feira (15), na B3, confirmou o recuo nos preços nacionais do cereal, ao registrar, para março, um valor de R\$ 85,55, para maio R\$ 87,24 (R\$ 97,70 um ano antes), para julho R\$ 87,10 (R\$ 95,77 em julho/22), e para setembro R\$ 85,85/saco (R\$ 95,04 um ano antes).

O plantio da segunda safra, nesta semana no Centro-Sul brasileiro, chegava a 82% da área esperada (contra média histórica de 84%), se mantendo em atraso. Sendo que os maiores atrasos estão no Paraná e Mato Grosso do Sul, segundo e terceiro maiores produtores nacionais da safrinha de milho. A situação só não é pior porque o Mato Grosso, maior produtor, praticamente finalizou a sua semeadura. Lembrando que a janela ideal de plantio no Mato Grosso do Sul se encerrou dia 15/03, enquanto até o dia 09/03 aquele Estado havia plantado apenas 42,3% de sua safrinha, contra 72,6% na média histórica e 93% no mesmo período do ano passado. No Paraná, o quadro é melhor, com o plantio atingindo a 71,8% na mesma data, contra a média de 72,5%, sendo que em algumas regiões daquele Estado, caso do oeste, a janela ideal fechou em 28/02. (cf. AgRural)

Ainda no Paraná, o Deral apresentou um estudo que analisa a relação de preço entre o milho de segunda safra e o trigo, que concorrem pela mesma área naquele Estado. O estudo pondera sobre a necessidade de diferença de 70% a favor do trigo para que se torne mais vantajoso, em condições normais. Ora, em fevereiro, a média de preço do trigo ficou em R\$ 88,62/saco, enquanto o milho foi cotado em R\$ 75,26, uma diferença de 18%. Assim, não surpreende que o trigo venha perdendo espaço no Norte, Noroeste e Oeste do Paraná. Por sua vez, para os produtores do Sul e Sudoeste daquele Estado, a variável mais determinante é o clima. O frio mais intenso impede cultivo massivo da segunda safra de milho, permitindo que o plantio de trigo ganhe área.

Ainda segundo o Deral, no Paraná o plantio da safrinha atingiu a 61% no final da semana anterior, sendo que 99% das lavouras estão em boas condições. A expectativa é de que o Estado semeie 2,64 milhões de hectares, com uma produção final de 15,4 milhões de toneladas.

Já no Mato Grosso, a safra de milho 2022/23, cujo plantio chega ao fim, estaria vendida em 30% do volume esperado, contra 48,5% um ano atrás e 50,6% na média histórica. Cerca de 80% das lavouras do milho safrinha foram semeadas dentro da janela ideal de clima naquele Estado. Por outro lado, o preço negociado agora está 3,1% abaixo do realizado em janeiro, ficando em R\$ 59,02/saco. Já para a safra 2023/24, apenas 1,78% estava comercializado antecipadamente. (cf. Imea)

E no Mato Grosso do Sul, o plantio da segunda safra de milho teria alcançado a 46% da área esperada até o início da presente semana. Este plantio está largamente atrasado (31,3 pontos percentuais em relação à média histórica), embora ainda se espere uma área maior em 5,4% sobre o ano anterior. A produção final está projetada em 11,2 milhões de toneladas, ou seja, 12,3% abaixo do colhido no ano anterior. Espera-se que 72,2% da área seja semeada entre 17/02 e 24/03, que é o período ideal para isso naquele Estado. (cf. Famasul)

No Rio Grande do Sul, segundo a Emater local, a colheita do milho atingia a 61% da área, contra 54% na média histórica até o dia 09/03.

Enfim, segundo a Secex, nos oito primeiros dias úteis de março, as exportações nacionais de milho superaram o volume registrado em todo o mesmo mês do ano passado. O volume exportado, neste período, atingiu a 731.770 toneladas, contra apenas 14.279 toneladas em todo o mês de março de 2022. A tendência, neste ritmo, é que as exportações de março superem largamente a um milhão de toneladas, contra uma expectativa inicial, da Anec, de 803.200 toneladas.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, apesar da crise financeira mundial desta semana, acabaram subindo, com o fechamento desta quinta-feira (16), para o primeiro mês cotado, ficando em US\$ 6,99/bushel, contra US\$ 6,53 uma semana antes.

O motivo deste movimento altista esteve ligado às negociações entre Rússia e Ucrânia, que continuam em guerra, para continuar o desbloqueio dos portos do Mar Negro visando o escoamento dos grãos ucranianos. A Ucrânia não aceitou uma proposta russa, de estender o acordo por apenas mais dois meses, gerando um impasse. Com isso, o mercado começou a especular que poderá terminar a oferta de trigo oriundo do Mar Negro caso o acordo não saia. O mesmo está expirando neste dia 18/03. Lembrando que o acordo foi, originalmente, mediado em julho de 2022 pelas Nações Unidas e pela Turquia, e implementado no início de agosto, tendo sido renovado em novembro passado, com duração até o dia 18/03, sem prorrogação. Desde o início do acordo, em 1º de agosto passado, cerca de 24 milhões de toneladas de produtos agrícolas, especialmente milho e trigo, foram embarcados da Ucrânia.

Dito isso, as vendas de trigo estadunidense, na semana encerrada em 09/03, atingiram a 365.600 toneladas. Com isso, no total do atual ano comercial 2022/23, os EUA teriam exportado 17,7 milhões de toneladas, ou seja, 5,3% a menos do que em igual período do ano anterior.

E aqui no Brasil, os preços continuam estagnados, com leve viés de baixa no Paraná. No Rio Grande do Sul a média permaneceu em R\$ 78,00/saco, contra valores entre R\$ 98,00 e R\$ 99,00/saco um ano atrás. Enquanto no Paraná os mesmos oscilaram entre R\$ 89,00 e R\$ 90,00/saco, contra valores entre R\$ 100,00 e R\$ 105,00/saco um ano antes.

A grande oferta gaúcha, que deve em boa parte ser exportada, associada a produção do restante do país, gerou um recorde de 10,5 milhões de toneladas. Assim, enquanto o preço interno recua, em plena entressafra, no mercado mundial o volume colhido pelo Brasil compensa boa parte das perdas argentinas, tornando nosso país, atualmente, no 10º exportador mundial do cereal. Algo inimaginável há pouco tempo. A Conab estima que, entre agosto/22 e julho/23 (atual ano comercial do trigo no Brasil), as exportações somem 3,1 milhões de toneladas, o que seria 1,8% acima do registrado na safra anterior. Mas é possível que este volume venha a ser maior.